

## ENTREVISTA COM FERNANDA ALT<sup>1</sup>

### INTERVIEW WITH FERNANDA ALT

Fernanda Alt é pós-doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar/Paris I Panthéon-Sorbonne (bolsista FAPESP) e desenvolve trabalho de pós-doutoramento em Filosofia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ (bolsista CAPES-Print). Doutora em Filosofia pela UERJ (bolsista CAPES) e Paris I Panthéon-Sorbonne (Co-tutela). Mestre em Psicologia Social pela UERJ (bolsista CAPES). Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Atua na área de Filosofia Contemporânea, com ênfase em fenomenologia e ontologia, sobretudo no pensamento de Sartre, Merleau-Ponty e Derrida. Dedicou-se ainda a temas e autores ligados à posterioridade da fenomenologia como fenomenologia crítica e fenomenologia do pertencimento de Renaud Barbaras. Atualmente, tem pesquisado o tema da corporeidade em Husserl, Merleau-Ponty, Ricouer e Patočka na perspectiva de uma fenomenologia do espaço. Em 2018, ganhou o Prêmio CAPES de melhor tese em Filosofia. Publicou diversos artigos em periódicos nacionais e internacionais e o livro *L'Hantologie de Sartre: sur la Spectralité dans l'Être et le Néant* na coleção Bibliothèque Philosophique de Louvain da Peeters Éditions (2021).

Apresentamos os nossos agradecimentos à professora Fernanda Alt pela presente entrevista.

***POIESIS:REVISTA DE FILOSOFIA - Apesar de complexo, o pensamento de Sartre é bastante sedutor. No início dos seus estudos da obra desse filósofo, o que lhe despertou maior interesse, o que mais lhe seduziu?***

**FERNANDA ALT** – “Sedutor” é uma boa palavra, pois Sartre seduz ao tentar se fazer próximo de nossas experiências cotidianas e é comum ouvir das pessoas sobre essa sensação de proximidade. Logo de início, o que me encantou em sua escrita foi o modo pelo qual ele parecia falar diretamente com minhas inquietações e curiosidades sobre o mundo, mas sobretudo sobre sua estranheza. Vemos em *A Náusea* cenas em que o personagem Antoine Roquentin observa pessoas num café e não vê sentido na naturalidade com que elas comem e

---

<sup>1</sup> Esta entrevista foi realizada através de e-mail. As perguntas foram elaboradas pelo editor da *Poiesis* – Revista de Filosofia, e dirigidas à entrevistada.

## ENTREVISTA COM FERNANDA ALT

bebem, sendo que não há sentido em existir. Esse tipo de estranheza, de sentimento de contingência da existência, me era muito familiar, mas eu não o tinha até então compreendido em palavras ou visto exposto de maneira nua e crua numa cena literária. Toda a forma irônica do personagem ao olhar a organização social como comédia, ao revelar as relações teatrais da burguesia e toda a pose das pessoas que se consideram muito importantes na ordem social me marcaram e me marcam até hoje como modo de olhar as cenas nas relações sociais. Me identifico com essa maneira de pensar teatralmente os papéis de cada uma e cada um de nós na ordem social. Foi um tema que trabalhei no mestrado, mas que me acompanha de forma mais ou menos explícita e sobre o qual eu sempre tendo a voltar ou do qual nunca parti. Por outro lado, meu interesse teórico veio pela crítica de Sartre à psicologia, por volta de 2005, área em que eu iniciei minha formação. No *Esboço de Uma Teoria das Emoções*, por exemplo, a crítica à postura do psicólogo que busca dissecar e classificar os fenômenos psíquicos tal como um botânico em relação às plantas me deu muita clareza do problema de uma psicologia positivista. Eu encontrava ali, e cada vez mais na fenomenologia em geral, um caminho não somente para pensar a subjetividade de maneira menos reificada, mas também uma atenção ao fato de que o modo de relação com aquilo que se estuda faz com que o “objeto” estudado apareça já em acordo com o movimento pelo qual nos dirigimos até ele. São temas que surgiram antes de minhas leituras de *A Transcendência do Ego* e o *O Ser e o Nada*, por exemplo, mas que são muito importantes e sobre os quais continuei trabalhando posteriormente.

**POIESIS:REVISTA DE FILOSOFIA - Sabe-se que Sartre escreveu um roteiro biográfico sobre o psicanalista Sigmund Freud a convite do cineasta John Huston em 1958. Trata-se de *Freud: Além da Alma* (título original *Le Scénario Freud*), um texto que também nos oferece uma importante compreensão da história da psicanálise. Todavia, em Sartre encontramos críticas às formulações freudianas, sobretudo no tocante ao conceito de inconsciente. Em que consistem tais críticas e como se dão as relações entre fenomenologia e psicanálise a partir das abordagens do filósofo francês?**

**FERNANDA ALT** - O conhecimento mais aprofundado que Sartre obteve sobre a psicanálise freudiana foi posterior a *O Ser e o Nada*, justamente no momento em que escreve o roteiro sobre Freud. Mas isso não significa que a crítica já em 1943, data da publicação de *O Ser e o Nada*, não seja interessante e original, o que freudianos tendem a discordar. Isso porque ela dá uma pista de que a teoria da consciência que ele estava desenvolvendo não é simplesmente

## ENTREVISTA COM FERNANDA ALT

uma herdeira direta da clareza cartesiana, assim como não é uma proposta de uma teoria do sujeito que sabe tudo de si mesmo e se domina completamente. Já na introdução de sua ontologia ele distingue consciência e conhecimento, ou seja, o que Sartre está compreendendo como consciência de si é em certos aspectos distinto do que se costuma apontar como problemático numa “filosofia da consciência”. A consciência mais imediata, anterior a qualquer reflexão, é uma consciência evanescente, qualificada de *troublée*, perturbada. Tudo o que vivenciamos, experienciamos nessa forma de escape a si, que nada tem a ver com uma adequação a si ou uma identidade. Nessa época, Sartre acredita que essa estrutura consciencial é suficiente para se pensar o autoengano, o que ele desenvolve ao mostrar fenômeno da má-fé. Não é preciso recorrer a uma instância separada, inacessível, que seria o inconsciente, para compreender como a consciência pode se enganar. Faz parte do autoengano esse jogo dual no próprio sujeito de ser ao mesmo tempo enganador e enganado de forma consciente embora não reflexiva, pois, se não tivéssemos minimamente consciência do que queremos esquecer ou esconder de nós mesmos, não esqueceríamos. É o que Sartre diz da ideia freudiana de “censura”: para que uma instância psíquica faça a triagem do que pode ou não passar à consciência, ela deve ser minimamente consciente do que escolhe. Além disso, Sartre critica o recurso ao inconsciente como uma atitude de desresponsabilização do sujeito; algo do tipo: “não fui eu que quis ou fiz qualquer coisa, foram forças inconscientes às quais não tenho acesso”, logo, não sou responsável. O inconsciente freudiano seria um recurso de má-fé. A relação com a psicanálise, porém, vai muito além de *O Ser e o Nada*, mas devemos notar que já ali ele declara certas inspirações no método interpretativo freudiano para desenvolver sua “psicanálise existencial” que “ainda não achou seu Freud”. A adoção do nome “psicanálise” causa espanto, pois, como diz um comentador de Sartre, Arnaud Tomés, falar de uma psicanálise sem inconsciente é como falar de um cartesianismo sem cogito ou um marxismo sem luta de classes. Sartre irá aprofundar esse recurso à psicanálise quanto ao método, sem nunca adotar o inconsciente freudiano, o que não significa que ele não passe a admitir um nível maior de opacidade na consciência, chegando mesmo a usar de modo inusual e pontual o termo inconsciente posteriormente. De toda forma, é no momento do filme de Huston que ele se dedica a outros textos de Freud e à sua biografia. Sartre e o diretor se deram muito mal e não se suportaram numa viagem à Irlanda, mas o roteiro resultante desse desencontro é rico, como mostra em detalhes Elisabeth Roudinesco em *Filósofos na Tormenta*. Mas Sartre acaba por apontar o fracasso da empreitada a Huston, no estilo sartriano “escolhemos o resultado quando escolhemos para quem pedimos”, por ele ter escolhido alguém que não “acredita” no inconsciente para fazer um filme à glória de Freud.

**POIESIS:REVISTA DE FILOSOFIA** - Em sua tese de doutorado você se dedicou a analisar a “espectralidade” presente em *L’Être et le Néant*, de Sartre, a *hantologie* desse filósofo. Assim, comente o que, de fato, seria a “espectralidade” em questão e qual a contribuição do pensador franco-argelino Jacques Derrida (leia-se *Spectres de Marx*) para essa análise.

**FERNANDA ALT** – A respeito do termo “hantologie” - um neologismo criado por Derrida-, costumo dizer que o que fiz foi uma apropriação, pois eu o utilizo de acordo com os meus interesses em mostrar a predominância e a importância da *hantise* na ontologia de Sartre, sem o compromisso de estabelecer uma relação com o sentido derridiano do termo. Por outro lado, as análises de Derrida sobre os espectros em *Espectros de Marx* e também numa entrevista com Bernard Stiegler que me inspirou muito, que se chama *Spectrographies*, foram ricas para que eu pudesse compreender alguns modos de ser presentes em *O Ser e o Nada*, assim como a natureza das relações de *hantise*, que eu traduzo como assombramento. Derrida se pergunta sobre o “ser-aí” do espectro como uma figura que desafia uma metafísica substancial e as divisões binárias: não se pode dizer se está vivo ou morto, presente ou ausente, visível ou invisível. Quando decidi tomar o problema do dualismo como fio condutor da minha análise da ontologia sartriana, observei que o próprio Sartre utilizava o termo *fantôme* (que, digamos, participa ao menos do universo de sentidos dos espectros) juntamente para os modos que desafiavam as divisões dualistas que ele mesmo estabelecia. Para dar um exemplo, se vemos um dualismo entre o que Sartre chama de Para-si e de Em-si, a dimensão que aparece posteriormente do ser Para-outro é definida por ele como não sendo nem Para-si nem Em-si, mas um “esboço fantasma de meu ser”. Além disso, esses modos que foram surgindo, e foi a leitura de Derrida que me deixou sensível a essas aparições no texto, poderiam ser compreendidos pelas características do espectral: são modos que nunca se mostram à intuição, que estão presentes de maneira ausente, ou seja, é possível sentir tal presença sem nunca poder olhá-la de frente, em carne e osso, como diria Husserl, sem poder localizá-la. Quanto ao tema do olhar do outro, que é um dos mais famosos do pensamento sartriano, também podemos compreendê-lo em termos de assombramento. O olhar do outro assombra como um espectro, pois está em toda parte e em lugar nenhum, mas podemos sentir sua presença. Esse olhar descrito por Sartre é um assombramento porque não se trata de olhos físicos que me veem, mas da presença ausente de um outro que pode, a qualquer momento, me transformar em objeto. Penso que o clima é mesmo o de um filme de suspense: o olhar do outro é uma luz

que acende, são barulhos de passos no corredor, uma janela que bate... é esse arrepio que exala da frase “alguém me olha”, sem que se possa localizar de onde aquilo vem.

**POIESIS:REVISTA DE FILOSOFIA - O que vem a ser o sentido fenomenológico da literatura, considerando a relação autor-leitor-mundo a partir das incursões lítero-filosóficas de Sartre? Quem são os “heróis bastardos”?**

**FERNANDA ALT** - Eu agradeço a pergunta, pois faz tempo que trabalhei esse tema no mestrado e posso dizer que ainda gosto muito dele. Na época eu estava preocupada em pensar o engajamento sartriano na literatura não da maneira como ele foi estigmatizado, quase como um tipo de propaganda política, mas como uma via possível de questionamento de nossa ordem social. Em “Que é literatura?” vemos esse apelo de Sartre da literatura como uma relação de generosidade: um escritor escreve em sua época para uma liberdade. Qual o efeito disso no mundo? O tema que estava lá e que permanece para mim é o que os personagens bastardos nos fazem ver, que é a ordem social como comédia. Sartre fazia filosofia e escrevia não somente literatura, mas também peças de teatro. Então toda essa crítica à ordem social pode ser feita por uma via teatral, o que quer dizer que podemos compreender as hierarquias, as opressões e relações de poder através das diferentes posições que as pessoas ocupam na sociedade. Na peça *A Prostituta Respeitosa*, por exemplo, vemos que um homem branco quer culpar um homem negro pelo crime que cometeu. A prostituta, que é uma mulher branca, e que ocupa um lugar desprezado socialmente – é a testemunha principal. Vemos que ela é justa, mas que ao mesmo tempo fica encantada quando o Senador, tio do criminoso branco, vai à sua casa dissuadi-la. Esse encantamento por uma visita ilustre, pelo modo como ele fala bem, é o tema sartriano da legitimidade. Certos atores da ordem social nos aparecem como mais legítimos que outros, como se tivessem “o direito de existir”. Isso está diretamente ligado à ontologia de *O Ser e o Nada* e ao tema da contingência: nossa existência não tem fundamento, somos um ser perpetuamente em questão e em busca de um fundamento. Os personagens “legítimos” mascaram essa condição e se apreendem através de importâncias, Sartre os chama de “homens sérios”. Os bastardos são os que não encontram lugar nessa ordem legitimada, estão sobrando no mundo, estão de fora. Por isso mesmo, através dos personagens bastardos temos acesso ao mundo da seriedade como comédia, eles quebram o mascaramento pela sua própria exclusão. É o que encontramos de forma brilhante e muito irônica no romance *A Náusea*.

**POIESIS:REVISTA DE FILOSOFIA - A trajetória político-intelectual de Sartre sempre foi marcada por questões de caráter ético-humanista (defesa do socialismo, combate ao antissemitismo e ao fascismo, posição antinazista...), o que lhe proporcionou a admiração até mesmo de pensadores latino-americanos. Raúl Fornet-Betancourt, por exemplo, afirma que as reflexões éticas de Sartre estabelecem uma grande interlocução com os movimentos anticolonialistas. Diante disso, quais as contribuições fornecidas por esse filósofo para a construção de um novo projeto da história humana na contemporaneidade?**

FERNANDA ALT - Penso que os textos de Sartre sobre o colonialismo e sua posição contra a ofensiva francesa na Argélia são válidos de serem retomados hoje para pensarmos a estrutura da colonização e as relações de violência. Mas não podemos esquecer que, enquanto homem branco europeu, por mais crítico que fosse ele também reproduz sua posição social, a qual fora criticada por Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* – mesmo que Fanon tenha desejado posteriormente o prefácio de Sartre para a sua obra revolucionária *Os Condenados da Terra*. Num livro recente, Houria Bouteldja aponta que a defesa acrítica de Sartre ao Estado de Israel, sem considerar a situação palestina, é o traço de branquitude europeia mais marcante de que ele não pôde se livrar. No que lhe foi apontado, acho que ele tinha a tendência de se rever e de assumir que em nossa posição social devemos estar atentas a esse tipo de reprodução. Há entrevistas em que Simone de Beauvoir lhe aponta duramente posições machistas, e é fácil encontrá-las em exemplos de *O Ser e o Nada* sobre a “mulher frígida” ou sobre as condutas de má-fé de uma mulher sendo seduzida por um homem, mas a gente nunca sabe se esse apontamento, para usar uma linguagem sartriana, chega a lhe provocar toda uma reorientação de seu projeto fundamental, ou seja, pode de fato instigar uma profunda revisão de toda a sua maneira de estar no mundo. Agora, levando em conta o que o pensamento sartriano poderia nos ajudar a pensar ainda hoje as opressões, o fato de que somos responsáveis por nossa posição social, mesmo que ela não seja escolhida ou desejada, me parece um ponto importante. É o que ele diz em *O Ser e o Nada* sobre o “ser-para-outro”: não sou eu o fundamento dessa dimensão objetivada, mas ela é minha, não é uma imagem de mim, é uma dimensão de meu ser. Se a partir disso pudermos pensar questões ligadas à opressão pela raça, posso dizer: se sou uma mulher branca, sou responsável por ser branca numa sociedade racista, mesmo que essa posição seja, no mínimo, desconfortável. A tendência de pessoas brancas como eu a se defender de qualquer análise sobre a branquitude para evitar o desconforto, não querendo se ver nesse lugar, não querendo se responsabilizar

## ENTREVISTA COM FERNANDA ALT

por algo que “não fez”, é uma fuga de má-fé dessa condição. O que Sartre mostra é que somos responsáveis por nossa condição, somos responsáveis até mesmo pelas guerras de nosso tempo, mesmo se são guerras às quais nos opomos ou não desejamos, devemos assumir nossa época. Até porque tudo o que “foi feito de nós” irá nos levar a reproduzir essa estrutura. Se há desconforto, este deve ser vivido. Do mesmo modo, é comum ver nas redes sociais uma defesa por parte dos homens contra algumas análises feministas, o que ficou conhecido pela frase “nem todo homem”. Ao invés dessa defensiva, assumir o ser homem não é voltarmos a uma filosofia substancialista da identidade, é assumir que ser “homem” numa sociedade estruturada pela dominação masculina é ser responsável por isso, no sentido sartriano. Por fim, não vejo essa responsabilidade numa ótica moralista, vejo-a como a assunção da facticidade e de nossa situação no mundo. Só a partir dessa assunção pode haver engajamento efetivo. Acredito que era essa a noção de engajamento que ele queria transmitir e que é por essa via que podemos compreender todos esses aspectos atuando conjuntamente em sua vida, o que pode nos ajudar a pensar uma ética hoje, desde que possamos considerá-la em seus limites.

---